

EBAL

PARA
ADULTOS

EDIÇÃO MARAVILHOSA - 158

Edição **EXTRA** Maravilhosa

N.º 158 ★ OUTUBRO 1957 ★ Cr\$ 10,00



CASCALHO

Romance Brasileiro de
HERBERTO SALES

scan by Barbier
www.guiaebal.com



44 DIAS EM SEIS PAÍSES DA EUROPA

Um brasileiro que se abalança a viajar pela Europa, forçosamente visitará a Itália. E, chegando à Itália, forçosamente visitará Pompéia. Ali se encontram vestígios e ruínas de uma velha civilização, preservada durante muitos séculos pela matéria em fusão que desceu do Vesúvio e se solidificou com o tempo. Chegando a Pompéia, o visitante é assaltado por centenas de camelôs e conhecedores da região, cicerones e alugadores

de guarda-chuvas contra a inclemência do tempo. Paga a entrada ou o ingresso para a "Direzione Generale delle Antichità e Belle Arti" (duzentas liras) inicia-se a visita pela Porta Marina, precisando-se de mais de um dia para bem se aquilatar de tudo quanto ali se encontra. Bons restaurantes modernos, bares e lavatórios encontram-se entre as ruínas, para o conforto dos turistas...

XXVII — ITÁLIA ★ Visita às Ruínas de Pompéia



Nenhuma cidade que se prezasse, na Roma antiga, poderia deixar de ter o seu Anfiteatro naqueles tempos. Tal como os estádios de futebol hoje em dia... Este é o Anfiteatro de Pompéia construído pouco depois do ano 80 a.C. Poderia conter uns vinte mil espectadores, que acorriam das vizinhanças para assistir aos espetáculos de gladiadores.

Acredite quem quiser... mas esta é uma rua típica de Pompéia soterrada sob as lavas do Vesúvio. Chamava-se "Strada dell'Abbondanza" ou Rua da Abundância e nela se localizava o comércio fino da época. Uma espécie de Rua do Ouvidor no Rio ou a Rua S. Bento na Capital paulista. Vendiam-se: objetos de feltro, chapéus, luvas, sandálias, cintos e roupas em geral. Não sabemos se também se faziam, então, liquidações...



Continue acreditando quem quiser... mas este é o interior de uma casa grã-fina da época — a vivenda dos irmãos Vetti, mercadores ou negociantes de vinho e outros produtos, uma espécie da Companhia Vinícola Riograndense... Conta-se que, feitas as escavações, encontrou-se esta casa tal como a fotografia na-la mostra...

No ano 79 da Era Cristã, conta-nos a História, a cidade de Pompéia foi sepultada sob as lavas de uma erupção do Vesúvio. Antes, porém, muito antes da catastrófica erupção, Pompéia recebera influência das civilizações etrusca e grega, invadida pelos sarracenos, só caindo em poder dos romanos no ano 80 a.C. Adotou então a língua latina e teve administração interna de acordo com as leis romanas. Sepultada sob as lavas do vulcão do Vesúvio no ano 79 da Era Cristã, como dissemos, por séculos e séculos ficou abandonada, até que em 1748 tiveram início as escavações que "descobriram" aos olhos do mundo contemporâneo a vida e os costumes que deveriam ter tido aqueles que sofreram as iras do Vesúvio convulsionado.

A cidade de Pompéia está situada no vale do Rio Sarno, às margens do Mar Tirreno e atualmente é muito visitada pelos turistas que acorrem à Itália. Encontra-se a meia hora de Nápoles, pela estrada de rodagem totalmente asfaltada. A lava endurecida preservou-a durante os séculos dos estragos do tempo e é assim que o visitante, hoje, pode contemplar o interior dos seus edifícios em bom estado de conservação.

(A Revista ALBUM GIGANTE — N.º 36 e ROY ROGERS — N.º 70 publicam outros detalhes e fotografias de nossa viagem a Pompéia).

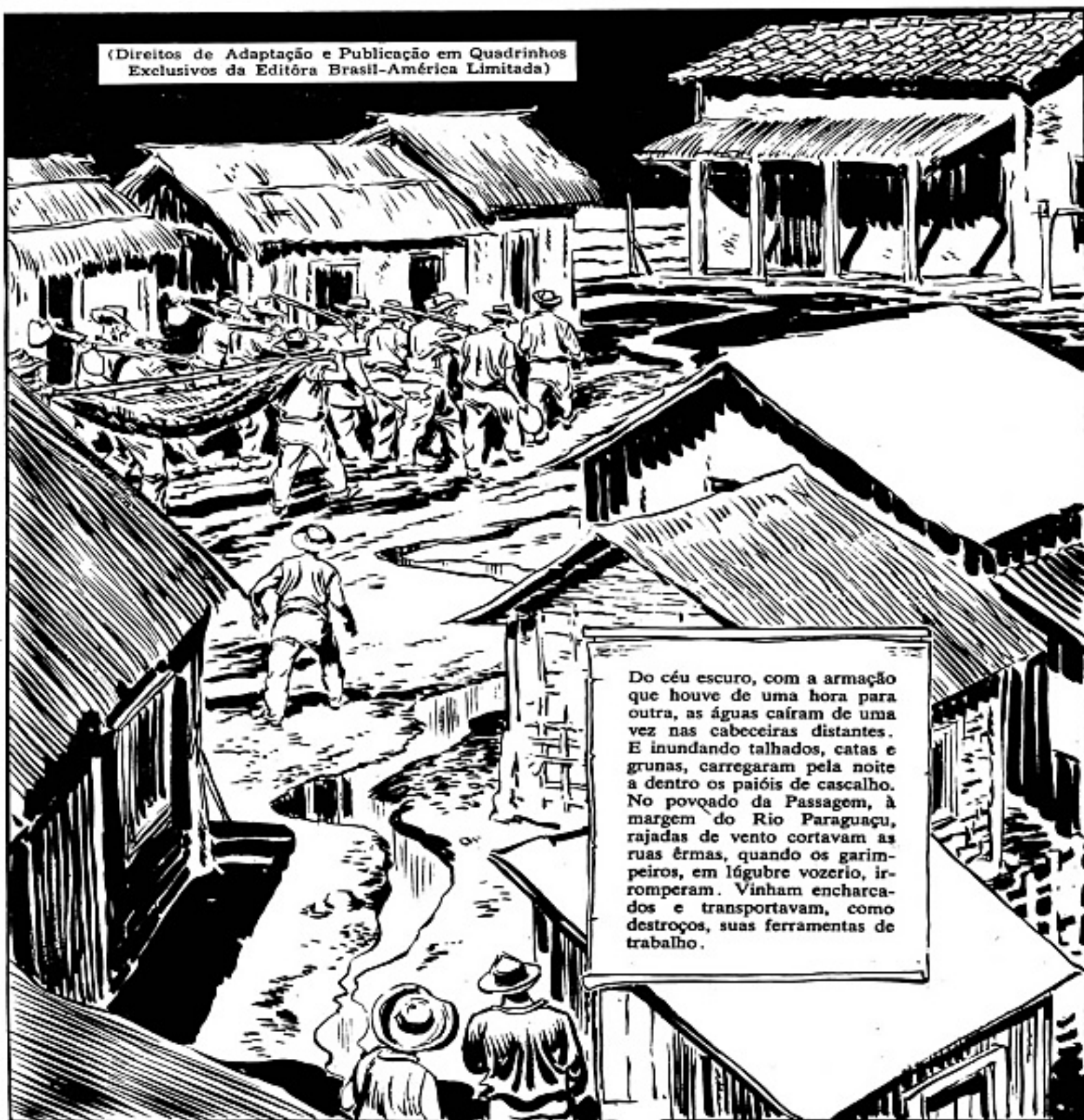
N.º 158 (EXTRA) ★ OUTUBRO 1957 ★ Cr\$ 10,00

EDIÇÃO MARAVILHOSA (Revista Mensal). ★ Publicada pela Editora Brasil-América Limitada, Especializada em Revistas para Rapazes, Moças e Crianças. ★ Direção de Adolfo Aizen. ★ Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almirante de Moura, 302, São Cristóvão. ★ Telefone 34-8042 (Rêde Interna) ★ Rio de Janeiro (Df.). Brasil. ★ A ortografia adotada nas publicações desta Editora é a do "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa".

CASCALHO

Romance Brasileiro de
HERBERTO SALES
Capa e Desenhos de
ANDRÉ LE BLANC

(Direitos de Adaptação e Publicação em Quadrinhos
Exclusivos da Editora Brasil-América Limitada)



Do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez nas cabeceiras distantes. E inundando talhados, catas e grunas, carregaram pela noite a dentro os paióis de cascalho. No povoado da Passagem, à margem do Rio Paraguaçu, rajadas de vento cortavam as ruas êrmas, quando os garimpeiros, em lúgubre vozerio, irromperam. Vinham encharcados e transportavam, como destroços, suas ferramentas de trabalho.

O grupo parou em frente da casa do chefe — o Cel. Germano. Como o ruído da chuva fôsse ensurdecedor, o velho Justino teve de gritar. E depois passou a explicar ao patrão que os garimpeiros estavam trazendo um companheiro que morrera afogado.



O Coronel recebeu a notícia com a maior naturalidade: é que, à força de ali se repetirem, os acidentes acabavam por tirar à morte qualquer sentido de surpresa. O mesmo não se deu, ao ver o sombrio quadro constituído pela garimpeirada. Teve um estremecimento. Sentiu, ao olhar a massa de trabalhadores destroçados, a evidência de seu próprio infortúnio. Ordenou sumariamente ao velho Justino....



Aquêle ano o Cel. Germano atacara o serviço com vontade: viera disposto a fazer muito mais do que no ano anterior. Chegara à Passagem em fins de junho, e já os primeiros garimpeiros apareciam. Conforme acontecia todos os anos, o barracão fôra entregue a Zé de Peixoto — negro de tuta-no que os garimpeiros respeitavam.



Enquanto o velho Justino, já bastante experimentado no serviço, ficara incumbido de gerir a garim-pagem.

O Coronel era chefe do município de Andaraí. Tinha seus cinquenta e cinco anos, trabalhara muito na mocidade, mas estava bem conservado. Todos os anos, ao chegar à Passagem, era logo procurado pelos garimpeiros, que para ali se dirigiam numa verdadeira romaria.





Sabendo que seu garimpo era o único a comportar, na seca, ilimitado número de garimpeiros, ele sorria intimamente. Ah, o seu Paraguaçu! Léguas e léguas de serra que lhe pertenciam por documentos passados em cartório, selados e garantidos por lei, e que estavam guardados dentro daquele canudo de fôlha-de-flandres, que era como que o seu cetro de rei dos diamantes. É aquela a serra de maior tradição de riqueza das Lavras. Quanto ao rio propriamente dito, embora já muito trabalhado na grupiara das margens e em todos os serviços de leite por volta daquele ano, continuava a desfrutar da mesma fama do tempo do Cel. Joca de Carvalho, seu primeiro explorador.

O xente! Como é que você queria entrar? Como meia-praça? Já não tem mais lugar para meia-praça.

Eu tenho oito filhos, Coronel.

Que tenho eu com isso?



Naquele ano, quando Salu lhe apareceu, o Cel. Germano foi logo lhe dizendo...

Você vai ganhar dois mil e quinhentos por dia, Salu. Sei que você é bom de serviço.

Quer dizer que eu entro como alugado?



Está achando a diária baixa? Não está tão baixa, não. Tem gente que vai ganhar mil e quinhentos. Em todo caso, se você não quiser, é só voltar pra Andaraí. Uma coisa lhe garanto: você não vai encontrar lá colocação melhor. Quer ficar?



Salu lembrou-se da advertência da mulher: "Se arruine por lá de qualquer maneira, porque senão seus filhos vão pedir esmola."

Quer?

Está certo, Coronel. Pode mandar assentar meu nome.



No tempo das primeiras descobertas, aqueles garimpos não conheciam dono. O povo trabalhava à vontade, nos catamentos e nos serviços de mergulho, mas veio o Cel. Joca de Carvalho com os seus títulos de Terras e Minas, com os seus registros de lotes reconhecidos pelo Governo. Mais tarde, o direito fôra transferido para o Cel. Germano. E já nessa época acontecera chegar garimpeiro atraído pelos garimpos que sabia ricos, arregaçar as calças muito tranqüilo e começar a trabalhar. Mas vinha o Gerente que estava inspecionando a serra...



Você não pode trabalhar aqui, não.

Por que não?
De quem são estas terras?

Do chefe.

E as margens do rio?

Do chefe.

Do chefe.

E o rio?

O rio também?

Sim. O rio e o leito do rio. Vocês aqui, sem ordem dele, nem para beber água...

Cel. Germano, naquela noite de temporal, depois de despedir o velho Justino esquecera completamente da morte do garimpeiro Raimundo. Entretanto não se esquecia da cara do velho Justino dando-lhe a notícia da cheia: "As águas tomaram o serviço todo!" E ainda lá fora a chuva caía torrencialmente, e a cada trovão ele sentia estremecer seu fundo supersticioso. Oh, a chuva!... Desabara de uma vez, como um castigo. Só podia ser mesmo maldição... Aquela maldição das cheias inesperadas que pesava sobre o seu garimpo.



Lembrava-se, agora, do que lhe tinham contado na infância: "O Paraguai era encantado... e somente ele era o único dono daquelas paragens..." E sentiu-se diluído numa espessa e acabrunhadora calma fatalista. Foi adormecendo lentamente e sem querer...

Apesar da chuva, havia algum movimento na rua, com os garimpeiros tomando cachapa para rebater o frio. A casa do velho João Vitor estava tinindo de gente. Ele a tinha cedido para a sentinela de Raimundo.

Eu já tinha visto toda espécie de cheia temporã no Paraguaçu.

Como esta de hoje eu há muito tempo não vejo. Porque trovejou e choveu nas cabeceiras e aqui ao mesmo tempo.

O pior é a tromba d'água. Ninguém vê chuva, não cai uma gota d'água, e quando a gente menos espera, o rio enche e enrasca todo o serviço.

É quando chove só nas cabeceiras.

Mas quer dizer que, quando tem tromba d'água, o rio enche sem chuva? Não cai nem neblina?

Nem neblina nem lebréia, seu burro! A enchente vem é com o sol quente, tinindo de tirar lasca.

Eu sei dizer que com isso eu fiquei foi sem minha ferramenta. Eu estava na porta do rancho fazendo um cigarro, quando ouvi o sócio gritando: "O rio está enchendo!" e já vi foi a ferramenta descendo rio abaixo. Até o meu chapéu foi embora.

Meu sócio também cortou um doze. E eu, que estava com o sentido no bamburrio pra ir ver minha mãe em Mato Grosso, vou ver agora eu sei o que é...

Fé em Deus, rapaz. Daqui pra cima quem governa é um só!

A conversa estava nesse ponto quando entrou Filó Finança com as suas piadas. Foi logo dirigindo-se ao preto Agenor.

Boa noite, urubu.

Se eu fosse urubu, era seu irmão!

Se você fosse meu irmão, você era um homem!

Era meia-noite quando o Cel. Germano despertou sobressaltado. Abalara-o terrível pesadelo. Estava inundado de suor. Ergueu-se da rede e passou o lenço na testa. Chamou pela empregada, a Atanásia, e não obteve resposta. Só aí foi que notou que havia grande gritaria na praça. Pensou no finado Raimundo e na sentinela. Quando o Coronel abriu a porta...



...alguns garimpeiros se aproximaram...

Nunca vi cheia como esta.

Desta vez a Passagem se acaba!

Eu acho até que está entrando água nos quintais!



O Coronel desceu para ver de perto a enchente. Ao chegarem perto da casa de Seu Heron, o rumor da água não deixava mais que se ouvisse nada. O rio estava muito mais cheio do que pensara.



Na escuridão reinante, os garimpeiros como que se prostravam diante daquelas duas forças que se defrontavam na noite: as águas rouquejantes e o patrão majestático.

O Cel. Germano, acompanhado dos garimpeiros, voltava e já ia entrando em casa, quando um tiro estalou no outro lado da praça. Logo em seguida, outro tiro. O Coronel não podia compreender o que se passava. O velho Justino levou a mão à cintura. Alguns garimpeiros pensaram logo num provável rôlo na sentinela de Raimundo. Mas logo outro tiro se fez ouvir.



Quem é esse doido?

Não tardou muito e todos viram sair de dentro das trevas o negro Zé de Peixoto que gritava como um louco...

Cadê um homem de coragem? Eu hoje estou com vontade de fazer um fecho!

Entregue a arma, Peixoto!

Que é que você quer, Justino? Vá escovar urubu na praia. Eu hoje não estou respeitando nem meu padrinho!

Aprenda a respeitar homem... Você faz-se de bêsta? Quem está falando sou eu, ouviu? Me dê a arma, vamos! Me dê a arma!

Cel. Germano sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Zé de Peixoto tratava-o por "meu padrinho". Vendo-se desrespeitado por um jagunço, coisa que pela primeira vez lhe acontecia, perdeu as estribeiras; afastou aos empurrões os garimpeiros que o cercavam e avançou num ímpeto de coragem para o negro.

Os garimpeiros assistiam à cena em silêncio. Era estranho que, de sessenta e tantos homens, só um tivesse coragem de enfrentar o negro! Viram o chefe afastar-se e subir a calçada da casa, fazendo crescer o respeito que sempre desfrutara entre eles.

Vá curtir sua cachaça lá adiante, Zé. E peça a Deus mais um dia de vida.

O dia seguinte amanheceu estiado. O Coronel resolvera viajar logo depois do almoço. Agora estava na sala, acertando contas com os garimpeiros, auxiliado, como de costume, pelo velho Justino.



Joaquim!
Vamos ver sua nota.
O seu diamante deu
um quilate.
Mas é um diamante
muito pontendo.
Só vale trezentos
e cinquenta mil-réis.

Será que o senhor
não pode chegar mais
uma coisinha, Coronel?

Meu preço é um só. Abatendo os vinte por cento
do quinto, da minha parte como dono da serra,
ficam duzentos e oitenta mil-réis.
Dos duzentos e oitenta, abatendo a metade,
da minha parte como fornecedor, ficam cento
e quarenta. Seu sócio está aí?

Está, sim,
senhor.

Aleidão!



Pois bem,
cada um tem direito
a setenta mil-réis.

Joaquim, sua conta no barracão
importa em cento e sessenta mil-réis.
Quer dizer que, abatendo os setenta
de sua parte no diamante,
você fica me devendo noventa.

Virgem, Coronel!
Minha conta no barracão é tudo
isso?! E como há de ser,
Coronel?...



Como há de ser? Você encheu
a barriga, me deve noventa
mil-réis, tem que pagar esse
dinheiro. Você não tem
ferramenta não, éh, éh!
Veja qual é a ferramenta que
você tem. Eu não posso perder
meu dinheiro, não.
Quero os meus noventa mil-
réis, éh!

Coronel... eu já estou saindo
daqui limpo e areado.
Se eu não levar minha
ferramenta, vou sofrer mais
que sovaco de aleijado.
Pelo bem da finada
Dona Hilda, Coronel,
dispense minha ferramenta!



Eu não posso perder noventa mil-réis com ninguém.
Vá deixando as ferramentas aí.
Quando arranjar os noventa mil-réis, pode vir
buscar sua ferramenta. Agora vá tocando,
que eu tenho de despachar os outros.



Sucessivamente, foram chamados os demais garimpeiros. Atendido o último deles, o Coronel fechou o caderno e retirou um pedaço de fumo do bolso; enquanto cortava a palha, fez um rápido balanço do cateamento: ganhara apenas trinta contos, o que representava, em relação ao ano anterior, um verdadeiro fracasso. "Agora estou abastecido de ferramentas para muito tempo" — pensou, ao calcular o número delas no depósito.



Quando o Coronel viu o cachorro-mestre entrar na sala, voltou-se logo para a porta: João Vaqueiro, que era esperado naquela manhã, vindo de São Pedro, ia entrando também. O chefe foi lhe pedindo notícias.

Tudo lá vai bem.
Não há novidade, não, senhor.

Então vá preparar os animais porque nós vamos viajar depois do almoço.



João Vaqueiro pediu licença e retirou-se; na rua, os garimpeiros correram para ele. O capataz da São Pedro, dada a fama de valente de que desfrutava, gozava de muita simpatia entre os outros homens, sendo seu convívio motivo de honra. Alguns garimpeiros faziam questão de pagar-lhe uma cachaça, o que ele de bom grado aceitava, como grande bebedor que era.



Quando se dirigia para o barracão, veio a saber, por Filó Finança, da arruaça que o negro Zé de Peixoto fizera. Ouviu tudo muito espantado, e, em vez de ir para o barracão, tomou outro rumo.

Depois do almoço o Coronel e seus auxiliares partiam.

Até à volta!



Zé de Peixoto saiu ao encontro do Coronel.

Meu padrinho...
Não repare aquilo de ontem...
A enchente me botou doido...



Sem dar nenhuma resposta, o Coronel torceu as rédeas, fechou o cavalo nas esporas, e desceu a rua num galope. Seus companheiros de viagem seguiram atrás. Entre os garimpeiros, alguém murmurou: "O negro está perdido mesmo."



Durante algum tempo, viajaram em silêncio. Mas logo o chefe disse para João Vaqueiro, quase em segredo...

O João...
Quando ele aparecer
lá na fazenda, você pode
fazer o serviço...

O rosto impassível de João Vaqueiro, como que se iluminou. Esperara sempre por aquela ordem... Para o Coronel, a decisão que acabara de tomar tinha muita importância: era preciso fazer respeitar-se.



Quando o negro chegou a Andaraí já toda a cidade sabia do seu atrito com o Cel. Germano. Na farmácia do Carvalhal comentava-se largamente o episódio...

O negro
é raçado mesmo.

Mas também ele só atraiu
porque estava "na água".

Se o Coronel não tem
santo forte, estava torado
na bala.

Dois dias depois, Zé de Peixoto viajou para Andaraí; liquidou os negócios com o velho Justino, tendo retirado um saldo de oitocentos e cinquenta mil-réis. Com esse dinheiro — pensava — abriria uma biboca para despachar meias-praças. A Passagem é que não lhe servia mais: terminara a garimpagem, o chefe aborrecera-se com ele, o melhor era mesmo procurar outro rumo.



E o negro foi feito herói pela cidade que o temia.

Desta vez,
Zé pode encomendar
a mortalha.

Mas um velho garimpeiro, conversando com outro, mostrou-se pessimista...



Zé de Peixoto chegou a Andaraí por volta das três horas da tarde. À noite, o Delegado Esquivel foi procurá-lo por ordem do Dr. Marcolino.

Nós soubemos aqui de uma questão que você teve com o chefe.

É mentira desses cachorros! Eu não tive nada com meu padrinho, não. Foi cachaça. Ele nem se importou...

Você sabe que eu sempre gostei de você, José... Sempre fui seu amigo... e se vim aqui foi apenas para lhe transmitir um recado.

Que recado?

Ora, Seu Esquivel! Não sou nenhum arruaqueiro, não. Vim foi negociar. Não estou caçando briga com ninguém, não. Pode estar tranqüilo. Vou falar pessoalmente com Doutor Marcolino.

O recado... é para lhe pedir... Você sabe... O recado é dele... É para lhe pedir que não perturbe a ordem.

Dr. Marcolino era a "segunda pessoa do chefe" e exercia sobre este a maior influência. No dia seguinte, muito cedo ainda, Zé de Peixoto foi procurá-lo. Acreditava que um entendimento pessoal com ele resolvesse sua situação ali na cidade, pondo-o ao abrigo de uma possível perseguição de Quelêzinho. O médico era madrugador e Zé encontrou-o acordado, fumando seu charuto.

Dr. Marcolino foi mandando o jagunço entrar e foi entrando no assunto.

Esquivel procurou você ontem? Eu que mandei.

O senhor pode ficar tranqüilo, Doutor Marcolino. Deus me livre de perturbar a ordem. Eu vim pra Andaraí foi tratar de minha vida.

Acho que você cometeu uma asneira muito grande, José. Em todo caso, o que passou, passou. Já sabe onde vai trabalhar?

Vou garimpar na serra de Seu Teotônio. E quem vai ver meu diamante é o senhor.



Naquele mesmo dia Zé de Peixoto conseguiu arranjar a casa para montar o seu negócio. Passou parte do dia na limpeza, pondo em ordem as prateleiras. Curiosos chegavam...

Então, Seu Zé, vai botar venda?

É um barracãozinho pra despachar mein-praça.



Você acha que está garantido mesmo?

Homem... Eu só acredito em Deus, mas parece que eu posso contar com Doutor Marcolino. Ele é quem vai comprar nosso diamante.

Ótimo! E Seu Quelêzinho?

Doutor Marcolino me garantiu por ele.

Não se fie muito, não. Peba só lhe chamou porque ninguém quer trabalhar com Zé de Peixoto. Ele está jurado.

Desde que viera do sertão, Silvério trabalhara como alugado. Como alugado não tivera nenhum direito sobre os diamantes que ajudara a pegar. Mas, agora, a situação era outra: com o convite de Peba para abrirem o serviço de Zé de Peixoto, surgira-lhe, afinal, a oportunidade de trabalhar de meia-praça. É verdade que alguém lhe disse...



Por volta das nove, o Peba apareceu.

Você demorou como diabo, Peba. Que é que estava fazendo?

Fui no Ribimba acertar um sócio pra gente. É um novato aqui mas é muito bom de serviço. Salu já garimpou com ele e me disse.



Fazia mais de seis meses que o retirante Silvério chegara. Por causa da seca abandonara sua roça. Na sua terra, ouvira muitas vezes falar das Lavras, dos seus garimpos fabulosos, dos seus diamantes que eram encontrados até na moela das galinhas. Seduzido por essas notícias deixara a mulher e filhos no sertão e decidira tentar fortuna em Andaraí. Prometera voltar logo que fizesse dinheiro.



Mas Silvério se mostrara indiferente. Precisava de dinheiro. Não podia perder tempo com a escolha deste ou daquele sócio.

De garimpo eu só quero saber até ao dia em que eu fizer dinheiro. Pegando que seja num cobrezinho, volto em cima do rasto pro sertão.

É sempre assim. Todos chegam com projetos de ganhar dinheiro e ir embora depois. Mas dinheiro de garimpo tem dois VV. Do mesmo modo que vem pra mão da gente, volta pra ele.

Naquela noite, na casa de Dr. Marcolino...



Dr. Marcolino estava lendo na rede, quando ouviu as pancadas na porta da rua. Ao abrir a porta, a luz caiu em cheio sobre João Vaqueiro.

Entre. Que é que veio fazer, João?

Matar Zé de Peixoto. Foi ordem que o Coronel me deu.

É o diabo. Isto não pode ser agora.

Eu só sei dizer ao senhor é que recebi a ordem.



Não há de ser nada. Você vai voltar com uma carta minha. Agora vá à cozinha e fale com Sinhá Laura para lhe dar café. Eu escrevo a carta num instante.

Caro Germano
Estou de pleno acordo quanto a necessidade de eliminar o Peixoto. Entretanto não creio o momento oportuno. Ele anda muito arisco, e desentend-lo de casa não será fácil. A não ser que se faça verdadeiro tiroteio na cidade. Acho que só se deva eliminá-lo dentro de um vinte dias. Eu cuidarei disso e me comunicarei com você na ocasião. Não se preocupe, tenho gente para tratar do caso - a altura. Receba apertado abraço do seu amigo
Marcolino



No seu negócio, Zé de Peixoto servia sua freguesia. Peba entrou com Silvério.



Nós vamos dormir no rancho de Filô Finança. Já acertei tudo. Pode ir despachando a gente, Zé.



E o negro mordida o beijo, fazendo força ao traçar seus garanchos. A nota era esta...



1 glo di carne 2.000
1 glo di taicim 3.500
1 lt di feijão 1.000
1 lt di arroz 1.000
6 lt di farinha 1.000
1/2 lb di café 400
1 rassa dura 2.000
fumo 200
mortalha 100
temporo 800
gais 1.000

Depois, Zé somou...

Treze mil e oitocentos.
Passou a conta. Veja o que quer
tirar, porque eu não fio resto
de saco nem a minha mãe,
se ela fosse viva.

Pode deixar
que eu lhe pago, Zé.

Eu só falo uma coisa
uma vez, Peba.



Então está certo. Tire o arroz, o feijão...
deixe ver... o tempêro...
e deite só meia rapadura. Completou?

Completou.



Depois foi a vez de Sil-
vério. Enquanto amarra-
va o saco com o seu
de-comer de uma sema-
na, o sertanejo não pô-
de deixar de conside-
rar a vantagem de estar
só. Se a família estives-
se em sua companhia,
eria que subir a serra
com um pedaço de rapa-
dura e um punhado de
farinha, para que a mu-
lher e os filhos não mor-
ressem de fome.



Silvério estava tão
alheio, que quase
tomou um susto
quando Peba per-
guntou de repente...

Em que estava pensando,
rapaz?

Em nada...
vamos embora?

Vocês devem dar
um jeito de subir a serra
hoje mesmo.
Porque assim vocês
já amanhecem no serviço.



No dia seguinte, muito cedo, Silvério veio sentar-se à porta do rancho, enquanto Peba acendia o fogo para o café. Estavam na serra de Seu Teotônio, onde iam dar início à garimpagem. Como haviam vindo na véspera, antes de Filó e seus sócios, eram, até àquela hora, os únicos no rancho.



Depois do café, Peba e Silvério dirigiram-se para o local indicado por Zé de Peixoto.

Isto aqui está muito trabalhado, Peba.

É o que você pensa. Então vocês acha que se tudo estivesse trabalhado eu vinha meter minha enxada aqui?

Durante o resto do dia, só interromperam o trabalho para comer o churrasco, no que demoraram pouco. Logo depois voltaram às enxadas — roçando o serviço esquadrejado e dando início ao trabalho de alavancas e carumbé, Peba fofando a terra e Silvério carregando-a. Quando o sol começou a entrar, o desmorte já ia bem adiantado. Então de novo reuniram a ferramenta e voltaram ao rancho.

Mais ou menos. Demos num serviço inteiro, ali pra os lados da estrada do Folga-Semana.

É serviço de cálculo. Lá pra cima a serra já foi muito rica. Era pra se folgar semana mesmo.

Encontraram Filó Finança na porta do rancho.

Então, como foram vocês?

A noite caíra de todo. De acôrdo com o hábito existente entre os garimpeiros da bôia tomada em comum, cada sociedade se reuniu diante do seu carumbé. Neco, Agenor e Filó, diante de um. Peba e Silvério diante de outro — todos comendo com a mão.



Depois do jantar, chegou Alípio, o Gerente de Seu Teodoro.

Passei de tarde no serviço de vocês, mas vocês já tinham ido embora. Está um serviço bonito.

E serviço pra se pegar diamante.

Mas isto aqui já está muito trabalhado.

Você queria que os garimpos ficassem esperando por você? Ninguém tem culpa de você ter nascido depois dos antigos, que encontraram tudo isto virgem.

Nu manhã seguinte, Peba e Silvério lavaram a cara no poço, tomaram café e saíram para o trabalho. Trabalharam o dia todo, e começaram a tirar o cascalho e a amontoar. Peba enchendo e Silvério carregando. A noite, de volta ao rancho, de novo se reuniram aos companheiros.

Dias depois...

É sempre bom cobrir de mato. Tem-se dado o caso de lagartixa engolir o diamante que às vezes acontece ficar à flor do cascalho.

Antigamente devia ser assim...

Não, senhor, não era só antigamente, não. Ainda hoje acontece isso. Em qualquer cascalho um diamante pode ficar à flor, e essa é uma das razões da gente cobrir de mato os palóis. Quem sabe o que pode acontecer com a gente?

Bem... Mesmo porque ninguém está livre de um olho ruim. Há muita gente azarenta que com um simples rabo de olho pode atrasar o serviço dos outros.

Como as forquilha já estivessem cortadas, armaram em seguida a granjeira, espécie de tripé no centro do qual penduram o ralo grande para rebaixar o cascalho, fazendo o esmeril a seco. Enquanto movimentava o ralo, em meio da poeira que se desprendia do cascalho, iam conversando os dois...

Eu só lhe digo isto. No dia que eu fizer cinco contos no garimpo, apanho meu caminho sem deixar rasto.

No dia que você fizer cinco contos no garimpo, você vai querer fazer dez. O saco da necessidade nunca enche.



Era a terceira semana de serviço e o resto do cascalho foi ralado, ficando pronto o esmeril para a lavagem. Este, sim, era que sistematicamente os garimpeiros cobriam de mato, pois o cascalho já então se encontrava liberto de grande parte da areia, tornando-se assim possível algum diamante ficar na superfície do paiol.

Ao chegarem ao rancho, o Gerente Alípio, que conversava com Filó, transmitiu-lhes o recado de Zé de Peixoto.

Vocês vão lavar amanhã, não vão?

Se Deus quiser.

Zé de Peixoto mandou dizer que vem ver a lavagem.

Minha impressão é que Zé de Peixoto, apesar de estar protegido por Doutor Marcolino, continua com a vida em perigo.

Qualquer dia d'este acabam matando ele.



A nova noite decorreu como as demais: depois de comerem, conversaram; depois de conversarem, foram dormir. Entretanto, ao ir para a cama, Peba voltou a pensar em Silvério, e por isso o sono não vinha. Ultimamente, à medida que se aproximava o dia da lavagem do cascalho, ele fora assaltado por desconfianças do sócio, embora não soubesse realmente por que motivo. Voltou-se na cama. Silvério estaria dormindo? Por não ouvir seu ronco peculiar, atribuiu-lhe a secreta intenção de sair quando já ninguém estivesse acordado no rancho para ir roubar alguns sacos de cascalho ralado.

Foi quando ouviu uma voz...

Peba... Já está dormindo, Peba?

Não, Silvério. Por quê?

Por nada...

A voz era acompanhada de um movimento. Silvério levantava e, na escuridão, encaminhava-se para a porta.

Aonde é que vai?

Vou lá fora.



Sem saber mesmo como, Peba já se encontrava de pé. Com a mão no punhal, transpôs a porta...

Silvério!
Silvério!

Estou aqui.

Aqui onde?

Estou aqui, sócio.
Aqui, atrás desta pedra.

Peba concentrou os olhos na pedra. Não tardou, porém, que Silvério aparecesse. Vendo Peba assim agressivo, um pensamento atravessou-lhe a mente: por que estava Peba acordado até àquela hora? E sem que pudesse evitar, o mesmo pensamento se dirigiu para o paiol de esmeril.

Silvério, você viu alguma cobra no rancho?
Por que não dorme?

Estou sem sono.

Vamos lavar amanhã.
Você já se lembrou?

Sim.

Eu?

Claro que me lembrei.

Se eu bamburrar, com fé em Deus, amanhã mesmo eu pego o caminho de casa.

Você já me disse isto mais de dez vezes.
Já vi que você por dinheiro é capaz de tudo...

Você está com fé em nosso esmeril?

Por que é que você está perguntando?

Por nada...
Por causa daquele esmeril eu era capaz de matar um...

Mais tarde, tendo ouvido, sempre em silêncio, o sócio, Silvério adormeceu...

E quando o dia vinha amanhecendo, foi ainda a voz de Peba que o despertou...

Logo que se lavaram e tomaram café, Silvério e Peba saíram para o trabalho. Ficaram, porém, esperando Zé de Peixoto que avisara que viria. Este chegou desconfiado.

Vocês madrugaram! Quando eu cheguei no rancho não vi nem rasto de vocês. Vocês já lavaram algum corte?

Que nada!

Nós não íamos lavar sem o senhor chegar.

Zé de Peixoto sentou-se no melhor lugar possível para exercer vigilância ao trabalho dos dois garimpeiros.

Pode tocar o serviço pra frente.

Aos poucos voltava a desconfiança de Peba em relação ao outro. Na lavagem do cascalho, sobretudo, é que precisava ter cuidado. Não havia o exemplo de Caroba? Sem o sócio desconfiar dele, aproveitou e subtraiu um diamante, enquanto lavavam, e escondeu-o no cano da espingarda? Agora Peba conjecturava: se Caroba, que era tido como sério, fizera uma daquelas, que diria de Silvério?

O sol já ia alto. Zé de Peixoto, ainda que não sentisse esmorecidas suas esperanças, não podia deixar de experimentar uma certa decepção por não ter sido encontrado nenhum carbonato grosso, até ao momento, embora faltasse fazer as terceiras pedras. A expectativa era tensa. À medida que o paiol baixava, a ansiedade crescia no coração dos três homens.

De repente, ao fazer de novo pedras, puxando-as para as bordas da bateia, Silvério a reteve e, tomando uma delas, os olhos iluminados por uma chama de esperança, procurou examiná-la.

Peba avançou para êle, transfigurado...

Deixe eu ver!



Dizer da ansiedade, do alvoroço e do atordoamento dêles, ante a sugestão do bambúrrio, é impossível. Silvério já chegava a admitir que talvez continuasse no garimpo durante mais algum tempo. Peba, por instantes, chegou mesmo a experimentar um vago arrependimento de ter julgado mal o sócio. Enquanto isso, Zé de Peixoto virava e revirava a pedra na palma da mão, examinando-a.



Por fim disse...

É uma ferragem besta.

Ferragem?

Sim. Tem grã de carbonato, mas é ferragem. Pode jogar fora.



Jogando a pedra no lajedo, ela esboroou-se...

É... De carbonato mesmo só tem a grã.

E tão grande como o alvoroço inicial foi o desapontamento dos três homens.



Por sua vez, Zé de Peixoto observava Peba. Notou que êle estava inquieto, dando mostras de desconfiança do sertanejo. Quem era afinal Silvério? Pouco sabia a respeito dêle. Peba suspeitava dêle, como podia constatar. Portanto tinha motivos para assim proceder. E o negro começou a partilhar da mesma desconfiança...

Possuído de incômoda sensação de lôgro, Peba voltou a pensar com mais raiva em Silvério. Não tardou a renascer a desconfiança, e, de repente, já estava admitindo a possibilidade de tudo aquilo ter sido somente um truque. Não havia garimpeiros que escondiam pedras na boca, para as furtar dos sócios? Tal recurso teria sido fácil a Silvério, um simples gesto seria o suficiente. E Peba passou a observá-lo com mais atenção.



Fazia quase meia hora que os três homens não articulavam uma só palavra, as atenções concentradas na lavagem do cascalho. De repente, Silvério levou a mão à altura da boca, para coçar o bigode. Os outros dois estiveram a pique de avançar para ele e revistá-lo ali mesmo. Mas a naturalidade do gesto os fez hesitar. Pela primeira vez, Zé de Peixoto e Peba cruzaram os olhares. Teria Silvério, naquele momento, escondido algum diamante na boca?



Sem dar pela reação dos companheiros, o sertanejo imobilizou a bateia, acocorou-se ao lado dela de costas para os outros. Peba não se conteve...

Ladrão!
Cuspa o diamante
fora!



Vamos!
Bote o diamante
pra fora!

Qual diamante?
Você está doido?

Vire a cara dele para
cima, Peba!



O diamante que você
escondeu na boca!

Me largue, me largue!
Eu não escondi diamante
nenhum!

Não tenho diamante
nenhum!

Cadê
o diamante?







Eu não roubei!

Vá embora, rapaz!
Eu não gosto de dizer uma coisa duas
vêzes. Lembre-se que você está
me devendo quatro semanas
de fornecimento!

Depois que Silvério foi embora, Peba
reencetou sozinho o trabalho interrom-
pido.

Se a gente pegar,
a gente dá a parte
dêle?

Parte dêle?
Parte dêle uma
ova!



Mais tarde apareceu
Alípio.

Boa tarde, gente.
Foram bem
de apuração?

Está fiscalizando, hein?
O que nós pegamos pode
ficar pra você, você quer?



Isto não quer dizer nada.
O serviço está com uma frente muito
bonita e vocês ainda podem pegar daqui
pra diante.



Já estava escurecendo
quando Silvério chegou
à cidade. O episódio
da serra, que tão brutal
desfecho viera trazer
às suas relações com
Peba e Zé de Peixoto,
produzira em seu espí-
rito uma sensação de
aniquilamento total.
E Peba? Peba teria pe-
gado? Fazendo a si pró-
prio a pergunta, ocor-
reu-lhe a lembrança de
ir à procura do Gerente
Alípio, e com êle obter
alguma informação a
respeito.



Encontrando Alípio, Silvério contou o que se passara na serra. O outro ouviu a história em silêncio, indo da curiosidade ao espanto e do espanto à revolta.

Como é que se faz uma coisa dessa a um pai de família? Fizeram com você o que não se faz com cachorro sem dono!...

Mas Silvério estava preocupado em outro ponto.

Mas o senhor tem certeza mesmo que eles não pegaram?

Não já lhe disse? Pode ser que ainda peguem daqui pra diante. Mas a apuração de hoje não deu nada. Posso garantir.

E o que é que você pensa fazer?

Eu mesmo não sei. Eu estava pensando em dar queixa ao Coronel Germano.

Você tem coragem de matar Zé de Peixoto?

Eu tenho quatro filhos pra criar, Seu Alípio. Não vou sujar minhas mãos com o sangue daquele negro.

Então não adianta você fazer queixa ao Coronel. Ele costuma fazer justiça é com as próprias mãos do queixoso. Se você não está disposto a matar ele, não procure Coronel Germano. Melhor procurar o Delegado.



O senhor acha mesmo que ele toma providência?

Homem, eu é que não posso tomar nenhuma. O que posso é falar com Seu Teotônio, que é o dono da serra. Mas há uma coisa que pode ajudar muito você. Seu Quelêzinho chegou hoje de tarde, e com a vinda dele a situação pode mudar.

O senhor acha?

Pois é. Seu Quelêzinho nunca foi com a cara de Zé.

Efetivamente Seu Quelêzinho chegara de tarde. O Major Quelêzinho Jardim era irmão do Cel. Germano e os dois eram os proprietários das maiores extensões de serras e dos garimpos mais ricos. Quelêzinho, que mais habilidade revelava com as negociações com os exportadores da Capital do Estado, delas ficava incumbido. Daquela vez demorara-se mais de um mês na Capital. Partira dias antes de ter o Cel. Germano abandonado a garimpagem no Paraguaçu. Só agora voltava.

Logo em seguida Dr. Marcolino foi visitá-lo. Ao vê-lo, Quelêzinho foi logo dizendo...



Mas como é que vocês permitem um moleque da marca de Zé de Peixoto desrespeitar Germano, Seu Marcolino?

Eu lhe conto.

De início referiu-se ao incidente da Passagem, narrando-o de modo discreto. Ao relatar a vinda de João Vaqueiro, com ordem, por ele sustada até melhor oportunidade, de matar o jagunço, Quelêzinho deu um pulo.



Mas compreenda, Quelêzinho. A cidade estava indo em paz... Além disso, com uma autoridade nova, que a gente de certo modo precisa impressionar bem...

Qual é a autoridade?

O Promotor...

Mas seu Marcolino, será possível! Aquêl negro devia ter tomado bala na mesma hora! Aquêl negro é um cabra ordinário, lambanceiro, que já devia ter tomado bala há muito tempo!





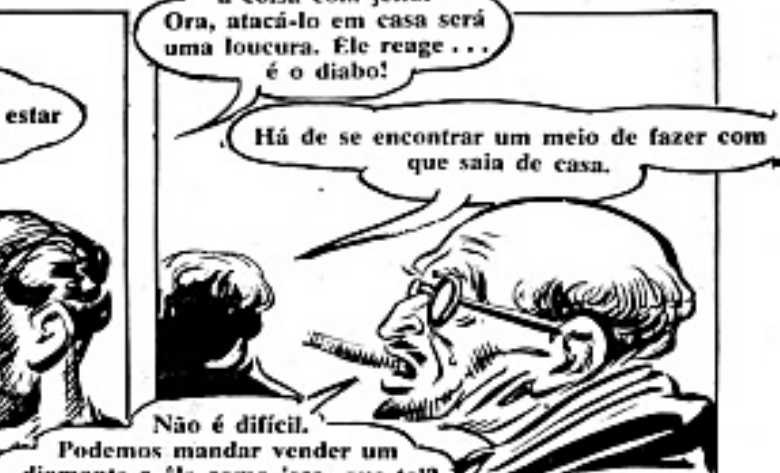
O médico ia dizer qualquer coisa para acalmar o amigo, quando bateram de leve na porta que dava para a rua. Quelêzinho deu volta à chave — era o Delegado. Muito agitado, atropeladamente, Esquivel comunicou aos outros dois o que Zé de Peixoto fizera com Silvério. Veio mesmo em tempo a história. Foi um ótimo pretexto para Quelêzinho.



Não me interessa quem seja ou deixe de ser o garimpeiro. O que me interessa é que aquele negro é moleque atrevido, que está precisando de uma lição.



Mas é bom preparar a coisa com jeito. Ora, atacá-lo em casa será uma loucura. Ele reage... é o diabo!



Ele está sem dinheiro, e forçosamente terá que sair para revender a pedra a fim de pagar ao garimpeiro. O garimpeiro que for incumbido do serviço deve levar uma pedra de seis contos e pedir por ela a metade do preço. Ele não resistirá.



Compreendi agora...
Ótima idéia!
Ele vem morrer em cima!
Não se preocupem com o resto.
Tenho um homem de inteira confiança para fazer o serviço.
É um garimpeiro chamado Fulgêncio, pouco conhecido aqui.



Mais tarde...

Compreendeu bem?
Veja lá, hein?
Faça a coisa bem feita,
como eu lhe disse,
porque senão quem vai roer a corda é você.



Quelêzinho escolheu um diamante de oito quilates e passou-o ao Delegado.

Creio que este serve. Mas tenha cuidado! Não vá perder meu diamante, não!



Eu me responsabilizo. A coisa vai sair melhor do que o senhor pensa. Pode deixar comigo, que antes das nove horas o negro já é defunto.

Se você seguir minhas instruções direito, nada lhe acontecerá. Seu papel é de um garimpeiro pacato, e pra granjear a confiança do negro você tem que ir desarmado. Faça o que lhe disse e deixe de conversa!

O senhor não acha que eu devia ir armado? E se ele quiser me matar?



Mal Fulgêncio saiu chegou à Delegacia o primeiro dos jagunços recrutados, e depois os outros, cada um de sua vez.

Bem. Nós vamos ter uma empreitada dura, hoje. Depois eu falo o que é. Em primeiro lugar vamos tratar das munições.

Depois, Esquivel mandou servir conhaque.

Já acabaram de beber? A tocaia vai ser dura. Nós vamos matar Zé de Peixoto...



É por causa da purga no garimpeiro?

São ordens de Seu Quelêzinho.

Bem. Então eu prefiro levar um fuzil.

Eu também. Eu atiro melhor de fuzil do que de revólver.



Será que dá tempo de eu passar lá em casa para apanhar minha repetição?

Dá. Então você vai fazer o seguinte: saia logo agora, vá na frente, e nos espere debaixo da amendoeira do Beco da Lama.



Fulgêncio foi chegando como quem não queria nada. Zé de Peixoto estava sentado no balcão, conversando com Peba. Contrariado com o mau resultado do garimpo, queixava-se ao sócio do pouco movimento do sábado. Ao ver Fulgêncio, suspendeu a conversa perguntando se o garimpeiro tinha algum diamante. O outro respondeu negativamente, deixando transparecer ao contrário. Seguiu à risca as instruções de Esquivel, fazendo-se passar por garimpeiro que ia vender sua mercadoria às escondidas. O negro estava habituado ao jogo.



Deixe ver a pedra, rapaz. Venha cá dentro. Quer molhar a garganta?

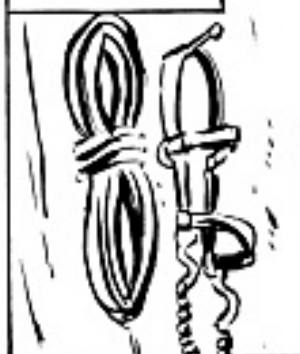
Se o senhor me der, eu aceito.

Os dois entraram num outro cômodo. Fulgêncio virou de um trago a dose de cachaça que Zé botara no seu copo. Enquanto isso o negro examinava a pedra.

É pedra pra se ganhar alguns contos de réis...

A pedra não é boa. É muito pontuada.

Foi quando lhe ocorreu outra idéia. Apreensivo com a chegada de Quelêzinho, a venda do diamante a Dr. Marcolino lhe pareceu uma solução magnífica. Não tendo produzido nenhum resultado o garimpo, venderia a pedra ao médico. Era preciso mantê-lo interessado na sua proteção.



Bem estou vendo. Esta pedra não tem boa formação. É um chapéu-de-frade. Como é que você quer três contos por ela? Ela vale, quando muito, um conto e quinhentos.



Quanto você quer pela pedra?

Três contos.

Você é daqui?

Não, senhor, sou de Lençóis.



Só posso vender por três contos.

Fulgêncio de tal maneira amarrou no preço, obedecendo às instruções recebidas, que o negro deixou de insistir. Sabia que o diamante valia o dobro, e se teimara na oferta inicial fora por não dispor, no momento, da importância necessária. Para comprá-la teria de ir à praça naquela mesma noite, a fim de revendê-la para pagar ao garimpeiro.

Você quer receber o dinheiro agora ou quer levar uma parte e vir buscar o resto amanhã?

Eu estou pedindo pra receber tudo agora. É porque eu tenho que voltar hoje mesmo pra Lençóis. Deixei o sócio esperando por mim.

Está certo. Fique me esperando aqui, que eu vou na praça receber o dinheiro de uma dívida... Volto já...

E vem ele agora!...

Ele parou... Está conversando com uma mulher...

Pronto, a mulher seguiu... E vem ele...

Tão grande era o silêncio que reinava entre os jagunços que eles como que ouviam bater os próprios corações — e latejar os pulsos que empunhavam as armas. Estas se achavam firmemente assestadas na direção do negro, cujo vulto como que flutuava ao luar.

Ao caminhar, Zé de Peixoto tinha o pensamento todo voltado para a pedra que levava. O diamante era de primeira, podia dar os seis contos na praça. Revendendo porém ao médico por quatro, reduziria o seu lucro, era verdade, mas proporcionando uma vantagem ao seu protetor sairia ganhando indiretamente. Já imaginava o efeito que o diamante iria causar no ânimo do médico. A lua subia no céu. Deu os primeiros passos no areão: a amendoeira derramava uma sombra longa e negra no beco deserto...



Em último caso, atirem nos dois.

É arriscado. Ele está muito longe e eu posso errar a pontaria.

Procure dar um tiro mortal.

Frio, preciso, calmo, o primeiro jagunço atirou...



Seguiu-se uma descarga tremenda, contra o homem mortalmente ferido. O grito que ele soltou, porém, foi de um animal enfurecido.



O resto foi rápido. O Delegado, acompanhado dos jagunços, revistou sôfregamente os bolsos do negro à procura do diamante e, encontrando-o, trouxe-o de envoltória com algumas cédulas amarradas, fugindo em seguida.



E não tardou que a notícia se espalhasse por toda a cidade...

Mataram Zé de Peixoto!

Eu fui o primeiro a chegar... Encontrei um cachorro de porta de açougue lambendo o sangue dele. Coisa horrível!...



Muitos não quiseram ver, outros já chegaram atrasados, quando o cadáver já tinha sido transportado para a casa de Joana Magra. Mas os comentários foram gerais, todos se ocupando, nas suas conversas, da figura do negro. Sua crônica foi evocada. Ele estava presente na lembrança de todos os habitantes. Todos os pensamentos estavam voltados para ele. A cidade foi sua naquela noite...

Passaram-se muitos dias sobre a morte de Zé de Peixoto. Peba desapareceu na mesma noite do crime, levando consigo poucas coisas do negro. Em vão a Polícia o procurou. Naturalmente, receoso de ter o mesmo fim do companheiro, abandonara a cidade logo que soubera da morte de Zé. A venda do negro ficara abandonada, com as portas escancaradas.

Durante os primeiros dias, muito se falou ainda sobre o passado do jagunço, constituindo seus crimes e arruaças o assunto do momento. Sobre o seu assassinato, porém, nada se dizia. Sabia-se que a morte do negro não fora motivada pela violência praticada contra o garimpeiro Silvério, mas tão somente porque Zé desrespeitara o chefe supremo do município de Andaraí. Aos poucos, porém, os seus casos foram perdendo interesse, e cederam lugar às novidades que iam surgindo.



Silvério tinha, com o correr dos dias, idéias sempre mais vagas a respeito do que se passara entre ele, Zé de Peixoto e Peba. De novo se achava pronto para trabalhar, a vida se mostrava cheia de novas possibilidades. Naquela noite Filó Finança foi procurá-lo, como prometera.



Você já recebeu o fornecimento?

Já.

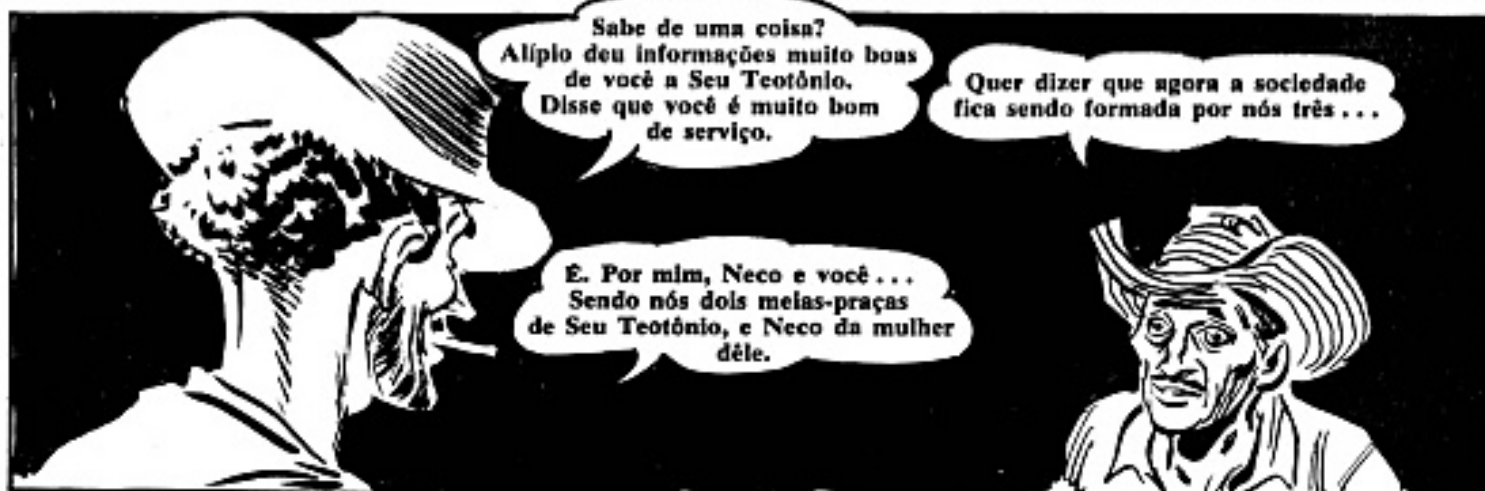
Em dinheiro?

Não. Recebi foi um vale para o barracão!

Seu Teotônio é como qualquer outro dono de serra: fornecimento em dinheiro com ele só no dia de São Nunca de tarde. Você acha que eles têm barracão é pra enfeite? A cor de dinheiro a gente só vê quando pega o diamante!

Mas os preços do barracão estão muito alterados. Bem que podiam ser os mesmos da praça. Você não acha que seja um roubo?

Eles estão no papel deles. A verdade é que cada um, podendo, puxa a brasa pra sua sardinha...



Sabe de uma coisa? Alípio deu informações muito boas de você a Seu Teotônio. Disse que você é muito bom de serviço.

Quer dizer que agora a sociedade fica sendo formada por nós três...

E. Por mim, Neco e você... Sendo nós dois melas-praças de Seu Teotônio, e Neco da mulher dele.

E sabe de outra coisa? Alípio acha que devemos continuar o rompimento feito por você e Peba, no tempo do finado Zé de Peixoto. O serviço é de cálculo.

Eu não queria mais mexer naquele serviço...

Por quê?

Por nada...

Deixe de abuso, rapaz. O negro, se tinha alma, ela já está no Inferno pra dentro umas trezentas léguas!

Era um sábado, uns quinze dias depois da partida de Filó Finança e seus sócios para a serra. Os garimpeiros voltavam à cidade.



Carbonato como o que saiu no Brejo da Lama, em Lençóis, nunca mais ninguém pega nas Lavras. Lembram o de libra e meia, que Seu Sérgio comprou?

Sim. Seu Sérgio de sociedade com Antônio Xavier, porque nenhum deles tinha o dinheiro completo.

Quanto era?

Cem contos!

Só de quinto a sociedade pagou vinte pacotes.

O quinto é um roubo...

Nós é que vivemos sempre com uma mão atrás e outra adiante. Nunca temos nada...

Deus já fez o mundo assim. Ninguém pode consertar o que Deus fez. Cada qual nasce com um destino traçado.

O sócio tem cegueira de ficar rico...

É roubo mas é lei. Qual o garimpeiro que vai cair na asneira de não se conformar com a lei? As escrituras garantem o chão dos donos de serra, e ninguém pode tirar esse direito que o Governo dá a eles!



De novo a conversa recaiu sobre carbonatos grossos. Relembaram a história de um de três mil grãos e com o qual Seu Isaías ganhara sessenta contos, fazendo a sua independência de uma vez. Silvério, porém, tinha a atenção voltada para outro assunto.

Mas será que essa pedra que nós pegamos é mesmo carbonato?



Joaquim, que a examinara logo que ali chegou, a pedido dos companheiros, repetiu...

Pra mim é. A grã é de carbonato.

Pra mim é uma ferragem. Nem sei mesmo por que eu trouxe ela.





Foi bom ter trazido.
É uma informação bonita,
e Seu Teotônio vai gostar
de ver.

Ouçam o que
eu estou dizendo.
Vocês estão com um
carbonato seguro.

Carbonato
é um trem misterioso.
Não viu o caso
de Agulhão?

Agulhão encontrou um dia um
ferrajão, e levou de presente
pra Seu Bacelar. Seu Bacelar achou
a pedra muito bonita,
e deu um mil-réis a ele pra
comprar charuto. A pedra ficou
mais de um mês em cima da mesa
de Seu Bacelar, servindo de peso
de papel. Quando foi um dia,
Seu César entrou lá e disse:
"Mas compadre, como é que você
tem coragem de deixar à toa um
carbonato desse tamanho?"
Seu Bacelar quase cai pra trás.



Interrompeu-o, precipitadamente, Silvério.



E a pedra
era carbonato mesmo?

Era um carbonatinho
que foi vendido por quatrocentos
contos.



Agulhão
ganhou alguma
coisa?

Que
esperança!

O caso era bastante conhecido — mas só agora Filó lembrava dele. Havia no seu rosto barbado um ar de apreensão mal disfarçada. Depois voltou-se para Joaquim...



Pode ficar descansado,
Joaquim. Se seu pulpite for
certo, nós vamos lhe pagar
umas alvissaras gordas...

Não se demoraram muito ali. Começaram a descer. Filó ia na frente, a caminho do escritório de Seu Teotônio. Silvério o seguia de perto. Habitudo a ouvir histórias de bamburrios desde que chegara a Andaraí, um como bem-estar inquieto erguia-se dentro dele agora: talvez tivesse chegado o momento de não se arrepender de ter vindo do sertão. Com o pensamento na pedra que o sócio encontrara, seu rosto esquelético traía uma ansiedade irreprimível. Outro não era o pensamento de Neco: seria realmente um carbonato?

Afinal chegaram ao escritório de Seu Teotônio.

Boa noite, patrão...
Com licença...

Vocês pegaram alguma coisa?
Alípio me disse que vocês iam lavar hoje.

Nós lavamos...
Pegamos um carbonato...

Feche a porta!...

Filó Finança, depois da porta fechada, passou a pedra para Seu Teotônio, que, só por muito esforço sobre si mesmo, pôde disfarçar a comoção que sentiu ao verificar o tamanho dela.

A atmosfera na sala tornou-se então insuportável. Os olhos dos garimpeiros acompanhavam ansiosamente os movimentos de Seu Teotônio. Viram quando apanhou mais outra lente para examinar a pedra. A primeira coisa que o patrão disse foi...

Querem molhar a garganta?

Os garimpeiros não chegaram a avaliar o sentido do convite que o patrão acabava de lhes fazer. Mas Seu Teotônio disse em tom convicto...

O carbonato é muito ruim.

Embora não se falassem, os três meias-praças podiam entender o pensamento um do outro. A declaração do patrão, entreolharam-se. Sentiram-se tomados de uma espécie de tranquilizadora emoção. Nessa altura, só uma coisa lhes interessava verdadeiramente: tratava-se de um fato. Joaquim não se enganara — era realmente um carbonato.

Muito ruim!

Desde o primeiro momento, notara que se tratava de um carbonato excelente. Mas era sincero à sua maneira: vivia do comércio de pedras preciosas e tinha família numerosa a sustentar...

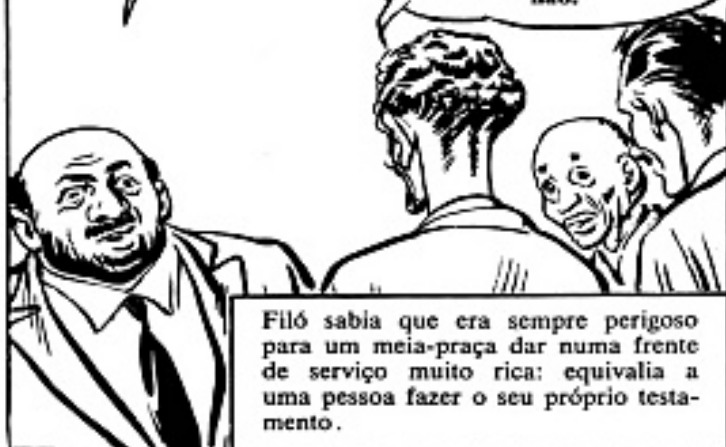
Seu Teotônio repetiu o convite para tomarem um trago, e foi buscar a bebida.

Vocês têm que beber no mesmo copo. Não tenho outro aqui.



Ainda tem cascalho para tirar?

Não, senhor. O resto está todo comido. Não tem mais cascalho, não.



Filó sabia que era sempre perigoso para um meia-praça dar numa frente de serviço muito rica: equivalia a uma pessoa fazer o seu próprio testamento.

Teotônio estava calmo. Tinha agora certeza absoluta de que se tratava de um carbonato extra: dera 330 de densidade. Tomou mais um gole de conhaque e ofereceu aos garimpeiros.

Tomem outro conhaque. O conhaque não deu densidade. É sinal de que ele é todo fôfo por dentro!



Filó não se surpreendeu. As pedras sempre tinham defeitos para os patrões. Mas ainda perguntou...

Fôfo?



Fôfo. É um cabonato muito ruim. Além disso, tem uma jaça enorme aqui do lado. Só com a lente se pode ver... Mas tomem o conhaque.

Era evidente que procurava embriagar os garimpeiros. Eles nunca se sentiam capazes de recusar a um convite para beber. Enquanto isso, Teotônio curvou-se sobre a mesa e somou, depois multiplicou e em seguida dividiu, até obter o resultado desejado. Ele próprio ignorava o valor exato do carbonato. Só de uma coisa estava absolutamente certo: cumpria-lhe defender a sua parte do melhor modo possível.

Quanto vocês acham que a pedra vale?

Pra o senhor, quanto ela vale?

Pra mim ela vale, quando muito, uns dez contos...



Será que o senhor não pode dar quinze?

Quinze? Você está sonhando, Filó? Carbonato baixou muito este mês... Tive telegrama dos gringos... Pra valer quinze contos só se fôsse um extra. Já vi que vocês não estão querendo vender o carbonato.





Veja se o senhor pode dar mais alguma coisa...

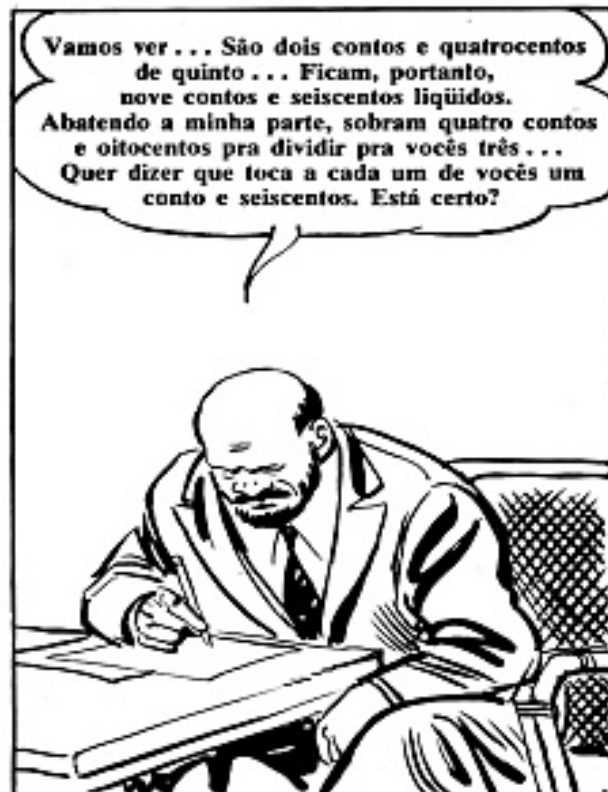
Bem... Vou dar mais dois contos e está acabada a história. Comprador nenhum ia oferecer mais do que isso.

Os garimpeiros sentiram um estremecimento de emoção ao guardarem o dinheiro no bolso. Despediram-se do patrão. Andaram até à esquina. Foguetes estouravam na praça da igreja. Passava gente para o leilão — a grande atração da noite.



Pois é isso. Eu vou até em casa e depois me encontro com vocês.

Nós estamos no leilão.



Vamos ver... São dois contos e quatrocentos de quinto... Ficam, portanto, nove contos e seiscentos líquidos. Abatendo a minha parte, sobram quatro contos e oitocentos pra dividir pra vocês três... Quer dizer que toca a cada um de vocês um conto e seiscentos. Está certo?

Silvério estava certo de haver mentido. Não tinha o menor interesse em comparecer ao encontro. Com a mão no bolso, os dedos firmemente contraídos sobre as cédulas novas, andava mais depressa. Olhou em torno, estava só. Quando menos esperou, achou-se diante da porta do seu rancho.

Logo abriu a porta e a transpôs, trancando-se cautelosamente por dentro. Retirou o dinheiro do bolso e contou-o. Nesse momento sentiu um estranho peso. Imaginara sempre arranjar cinco contos no primeiro bambúrio. Mas voltava-lhe à mente a lembrança da família, da roça. Não restava dúvida de que ele estava fazendo falta. Estava numa grande incerteza.



Mas, de repente, um rumor de vozes e sons de música chegara ao seu ouvido. "Ainda estão no leilão" — pensou — e com decisão jogou um pequeno saco dentro do carumbé e saiu. Estava convencido de não poder explicar a pessoa alguma o que havia decidido a respeito de si próprio. Regressava imediatamente ao sertão. E dissessem dele o que quisessem, depois!



O dinheiro que levava consigo dava, de qualquer forma, para começar a fazer alguma coisa em favor da família. Mas, à idéia de que estava realmente afastando-se dos garimpos, sentiu que lhe faltavam forças para tomar tal decisão. Necessitava de, no mínimo, cinco contos. Chegou à conclusão de que a família bem podia esperar até juntar aquela quantia — era até melhor para eles... Resolutamente tomou o rumo do município de Palmeiras. "Lá está saindo muito diamante e ninguém sabe que eu bamburrei... hei de economizar o meu dinheiro..." — prometia a si próprio...

Os companheiros, no entanto, esperavam por ele.

Silvério está demorando muito.

É capaz de estar se escondendo pra não gastar o dinheiro.

É. Pelo tempo, ele já devia ter vindo se encontrar com a gente.

Não adianta; se ele não aparecer hoje, a farra de amanhã vai ser por conta dele. Pode ficar descansado...

O negociante fez a conta para os garimpeiros...

Teve um quilo de requieirão... teve mais dez de cachaça que mandou dar ao povo... Teve o quilo de bolacha Marieta, que aquela mulher lhe pediu... Quer dizer que são... cinco, nove, fora dez, com vinte, trinta e cinco, com trinta, setenta e cinco, com quatro, oitenta e dois...

Neco sentia-se feliz. Era muito importante para um garimpeiro estar em condições de gastar. O negociante devolveu o trôco e fez questão de não cobrar o charuto que o garimpeiro lhe pedira. Então os dois dirigiram-se para o leilão.

Afronta faço, mais não acho, mais achara, mais tomara. Vou entregar pelos vintenta mil-réis!

Cinquenta mil-réis!

Todos se voltaram para ver quem havia gritado. Fôra Filó Finança, que acabava de chegar ao leilão em companhia de Neco. No mesmo instante, a orquestra atacou uma marcha valente executada com sucesso nos leilões e todas as festas religiosas.



Cinquenta mil-réis! Afronta faço, mais não acho, mais achara, mais tomara, vou entregar pelos cinquenta mil-réis!



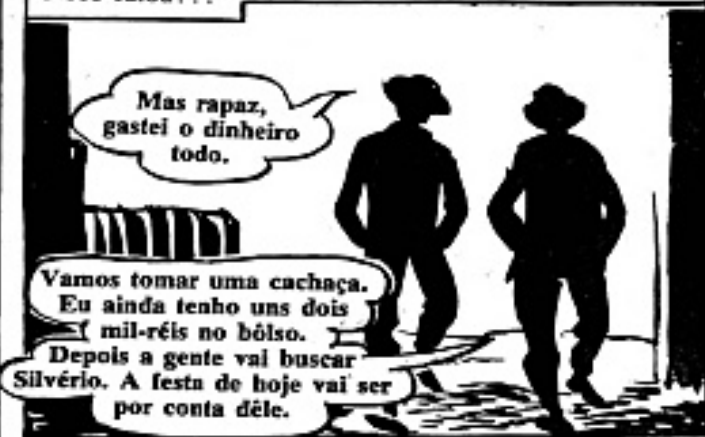
Para Filó, porém, só uma coisa importava: fazer figura. Lembrava-se de que Seu Tarcílio embasbacara a cidade inteira arrematando um cravo por oitocentos mil-réis...

O leilão terminara à meia-noite. Dentro da madrugada os dois homens andavam em silêncio. Afinal Neco falou...

Mas rapaz, gastei o dinheiro todo.

Vamos tomar uma cachaça. Eu ainda tenho uns dois mil-réis no bolso. Depois a gente vai buscar Silvério. A festa de hoje vai ser por conta dele.

A prenda era um sabonete de dez tostões com um laço de fita azul em volta.



Dias depois, Filó era mandado para trabalhar na grua do Pega-peito. Coronel Germano tinha resolvido intensificar aquele serviço, há muito abandonado em virtude da dificuldade de se encontrarem garimpeiros dispostos a trabalhar nele. Embora rico, era um serviço temido pelos inúmeros perigos que oferecia.

E o serviço, como vai, Filó?

O serviço vai bem, vou voltar agorinha mesmo pra lá. Só vim aqui buscar azeite para as candeias...

Quando Filó chegou à grua o velho Justino já o esperava...

Encha as candeias imediatamente, Filó. Vamos começar a trabalhar...



Mais adiante vários alugados removiam o cascalho da boca da grua. Os enxadeiros enterravam o carumbé no paiol, e com dois golpes de enxada o enchiam.

O senhor mandou mudar o cascalho de lugar?



Mandei botar o cascalho bem longe da lavadeira porque hoje de manhã eu ouvi um trovão que vinha daquele lado. É bem capaz de chover e o cascalho não pode ficar perto do córrego.



Com o velho Justino o hábito da responsabilidade era uma espécie de fiel obstinação...

Vamos fazer o pernoite pra acabar de tirar o cascalho antes que a chuva caia. Agora vocês comam qualquer coisa, se preparem, que dentro de meia hora, com fé em Deus, eu quero estar em cima do serviço...



Não tardou a escurecer. O velho Justino começou a bater a enxada lá fora: era como uma chamada de sino para a misa. O trabalho ia ter início...



O velho Justino seguiu à frente com uma candeia na mão. Atrás de Justino, formando uma longa fila, os gruneiros também conduziam suas candeias: era um cortejo mais ou menos fúnebre. Não tiveram que andar muito. Ali estava a gruna, um rombo dentro da noite, como se fôsse a própria serra escancarando a boca num grito impossível.



Começaram a entrar na gruna. Filó vai na frente, seguido de perto por Joaquim e Neco. Seguram a candeia com uma das mãos, e com a outra amparam o corpo para não rolar pelo lado.



Agora já é preciso curvarem a cabeça, porque a gruna se torna cada vez mais baixa. Filó é o rompedor. Sua candeia alumia o caminho difícil. Dela se desprende uma fumaça densa, o cheiro do azeite se misturando ao do limo que cobre as pedras...



O ar se faz mais pesado, como que palpável. Entre o teto e o chão, há apenas uma fenda, como se o caminho tivesse terminado ali. Mas é necessário avançar mais — e Filó avança, agachando-se a princípio, para logo se estirar a fio comprido sobre a laje...



Se aparecer de súbito uma cobra, uma cabeça-de-patrão ou uma jaracuçu, cuja picada "quando não mata aleija", ele fará o que todo gruneiro tem obrigação de fazer — de saber fazer. Procurará eucandear os olhos da cobra com a luz da candeia, até poder pegá-la pela cabeça com mão firme, esmagando-a contra a pedra. Não há outra saída. Atrás dele, também de rastos, vêm os demais companheiros, formando a fleira por meio da qual se farão chegar os sacos de cascalho à boca da gruna.



Filó vai empurrando a trouxa de sacos e o frincheiro, e calcula já ter avançado uns trinta metros pela gruna a dentro. É noite, mas ainda que fôsse dia a escuridão da gruna seria a mesma. Lá fora, o velho Justino deve estar aguardando com ansiedade a chegada dos sacos. Ignora o que se passa dentro da gruna. Dos gruneiros só terá notícias quando os sacos principiarem a chegar lá fora, como cartas.

Agora o ar se faz mais acentuado de umidade. Filó se arrasta mais um pouco, e, finalmente, consegue ficar de cócoras. Depois vai esgueirando-se através de uma passagem cheia de obstáculos, até que por fim se ergue. Chegou ao salão — espécie de coração da gruna. Vão úmido e tresandando a lodo, em cujo interior há um montículo de cascalho recolhido das frinchas.

Está vendo que frio danado? ...

Filó começa a encher o primeiro saco, quando Joaquim emerge do fundo do lapeiro que dá acesso ao local onde se realiza a extração do cascalho...

Frio é o menos...
O pior é que carbonato continua sem preço...

Agora só se ouve o ruído do frincheiro tirando cascalho: é como algo que estivesse arranhando o interior de uma sepultura. A terra escura e úmida vai sendo reunida com o auxílio da mão, e por fim é colocada dentro de outro saco.

Uma vez cheio, o saco é passado para Joaquim que se encaminha para a boca do lapeiro e o entrega a Neco. Filó continua a esgravatar as frinchas.

Já está quase no fim, mas o velho Justino quer que a piçarra fique totalmente limpa, pois onde há qualquer restinho de cascalho há a probabilidade de se achar o diamante. Vai-se mais um saco, mais outro, mais outro... e continua o barulho do frincheiro... Joaquim acha que, se a gruna fôsse mais espaçosa, não era preciso tanto trabalho: lavariam o cascalho ali mesmo...

De repente, o bafo de umidade se torna mais acentuado, ao mesmo tempo que os dois homens escutam o rumor de qualquer coisa que começa a correr... Foi a chuva que desabou lá fora. E o fio da mineração começa a deslizar por entre as pedras e, à luz das candelas, torna-se uma realidade a presença ameaçadora da água.

Corre, Joaquim!
Corre, diabo!
Corre, que é vem água!

Os sacos e os frincheiros são abandonados, e os dois homens se metem pelo lapeiro a dentro, repetindo o grito de alarma. As águas, correndo atrás deles, arrastam consigo o resto do cascalho...



Joaquim vê a morte diante dos olhos, e lembra-se de outros garimpeiros que, indo à procura de cascalho dentro das grutas, de lá foram retirados como postas de carne.

Tudo agora vai terminar, porque a água continua a avolumar-se; mas, de certo modo, sente-se contente por se ter desviado de um bico de pedra — não chegara realmente a acreditar que pudesse passar por ali. Neco vai na frente. Os outros gruneiros pareciam ter fugido com muita rapidez. Só Filô, Neco e Joaquim ainda estavam dentro da gruta...



Filô vai avançando sempre atrás dos outros dois, com a candeia na mão. Súbito, nota que Joaquim se acha imobilizado à sua frente, atravancando o caminho. A areia trazida pela enxurrada obstruiu a passagem. Neco conseguiu atravessar, devido ao fato de ser mais magro do que Joaquim.



Joaquim sente sob o peito o atrito da areia, e nas costas a pressão do teto da gruna. A muito custo, consegue manter o nariz fora da água, lutando para não morrer asfixiado. É debalde, porém, o esforço que faz para se libertar da terrível prisão. Não pode avançar nem recuar...



Imediatamente, Filó lança mão do único recurso para o caso: leva ao calcanhar do companheiro a chama da candeia fumegante — e o pé deste se contrai, tismado, enquanto se espalha na gruna um cheiro de carne queimada.



Joaquim deixa escapar um grito, e em vão se debate entre as pedras como um rato na ratoeira. Já esperava que o outro lhe aplicasse o conhecido expediente. Filó insiste; uma, duas, três vezes queima o calcanhar do companheiro. Por fim, Joaquim, soltando um berro, dá um arranco e consegue se livrar...



Sem perda de tempo, Filó se estira todo e precipita-se no rumo do companheiro. Sabe que, se lhe acontecer o mesmo, estará irremediavelmente perdido — é o último dos três, não há ninguém para o socorrer como ele fez a Joaquim. E nisso, lá vai a candeia na correnteza...



Já conseguiu transpor o lugar do enganchamento, mas a cadeia desapareceu para sempre na enxurrada. Filó já não acredita mais na possibilidade de salvamento. No meio da escuridão, como poderá localizar o esbirro que sustenta o emburrado? O emburrado terá desabado? A saída estará obstruída?



Deixa-se arrastar pela água, e por ela unicamente se orienta. Que tolice ter acreditado que era bastante forte para vencer todos os obstáculos!



Tenta em vão erguer-se, e a água já o impede de respirar. O rumor cresce aos seus ouvidos — a água batendo de encontro ao teto, saltando como uma coisa viva...

Que horas poderiam ser? Oito... dez... Talvez oito... De repente, pareceu-lhe que nada tinha já que ver com o que pudessem ocorrer ali. Houve então um baque, um estrebuchamento, e a água encheu por fim, e totalmente, a gruna...

Era de manhã, e a luz de um novo dia se derramava sobre a serra, quando retiraram o corpo de dentro da areia. Colocaram-no em uma rede e levaram-no para a cidade. Mais uma vez, o velho Justino ia à procura do Coronel para lhe dar notícias do garimpo: morrera apenas um homem...



FIM

TÉRMINOS DE GARIMPAGEM



GARIMPAGEM

- Trabalho rudimentar de pesquisa e extração do diamante.

GRUNA

- Todo e qualquer serviço subterrâneo.

CARUMBÊ

- (Instrumento). Recipiente de madeira, empregado no transporte da terra dos desmontes e para levar o cascalho do paiol para as bateias. Tem uma forma ligeiramente afunilada.

PICUA

- Pequena peça cilíndrica, ôca, onde os garimpeiros guardam os diamantes que vierem a encontrar.

FRINCHEIRO

- (Instrumento). Espécie de gancho de ferro lembrando mais um "L", com cabo de madeira.

FRINCHA

- (Instrumento). Estilete para retirar cascalho das fendas estreitas, igualmente chamadas frinchas.

BATEIA

- (Instrumento). Gamela afunilada, destinada à lavagem do cascalho. É feita de madeira leve, de preferência cedro.

GRUPIARA

- Serviço realizado nas proximidades dos rios ou dos córregos.

RALO

- (Instrumento). De forma retangular, tendo bordos de madeira.

CARBONATO

- É um espécime diamantino de alto grau de dureza. É negro, opaco e geralmente poroso. Não se presta à lapidação. É empregado unicamente na indústria.

As adaptações de romances ou obras clássicas para EDIÇÃO MARAVILHOSA ou ALBUM GIGANTE são apenas um "aperitivo", para o leitor. Se você gostou, procure ler o próprio livro, adquirindo-o em qualquer livraria. E organize a sua biblioteca — que uma biblioteca é sinal de cultura e bom gosto.

PING-PONG

comanda a batalha naval!

Acerte o "tiro"
e ganhe
uma belíssima
bicicleta!

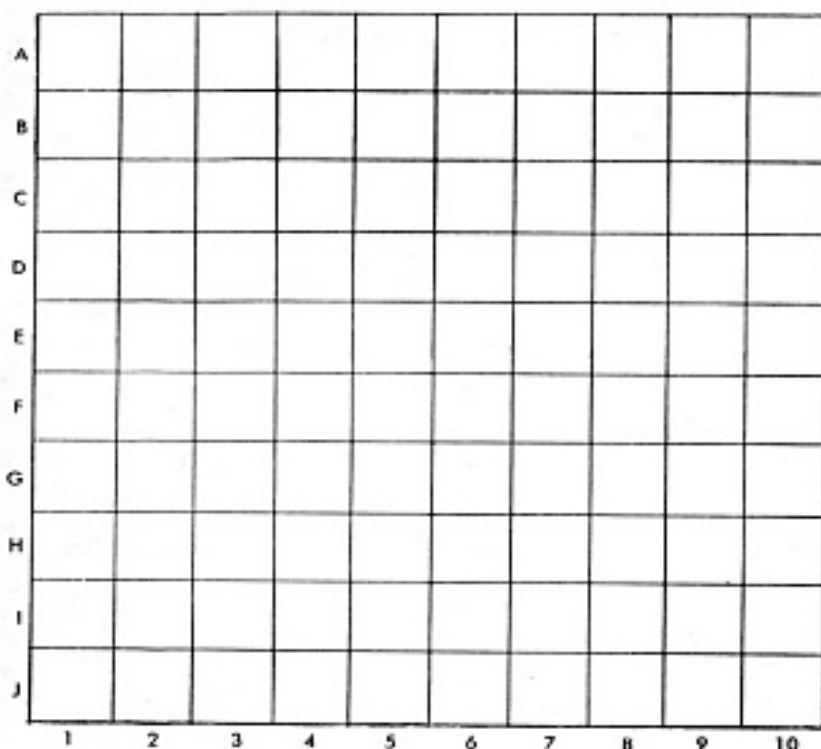
Veja como é fácil!

Você pode dar quantos "tiros" desejar, no quadro acima, bastando anexar, para cada tiro, 2 invólucros do delicioso chicle de bola "PING-PONG". Se o seu tiro coincidir com o que está assinalado no envelope lacrado em poder da editora desta revista, você ganhou um lindo álbum de figurinhas (completo) da EBAL.

Entre os acertadores será sorteada, num auditório de rádio, previamente anunciado, uma linda bicicleta!

A apuração das cartas premiadas será realizada na redação desta revista, à Rua General Almério de Moura, 302.

Somente serão consideradas as respostas enviadas até 30 de novembro de 1957, para a Caixa Postal 2132 - Rio de Janeiro.



NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

PREFIRA O CHICLE DE BOLA

PING-PONG

REALMENTE DELICIOSO



Carta patente N.º 274

CIA. BRASILEIRA DE NOVIDADES DOCEIRAS

Rua Couto Magalhães, 83/83-A - Rio de Janeiro
Rua das Olarias, 370 - São Paulo.

BOLIVAR
1991

NÃO
PERCAM,
PETIZADA!

O Seu
Almanaque
de



MINDINHO
1958

100

PÁGINAS
COM AS
MAIS VARIADAS
HISTÓRIAS
EM QUADRINHOS
POR APENAS

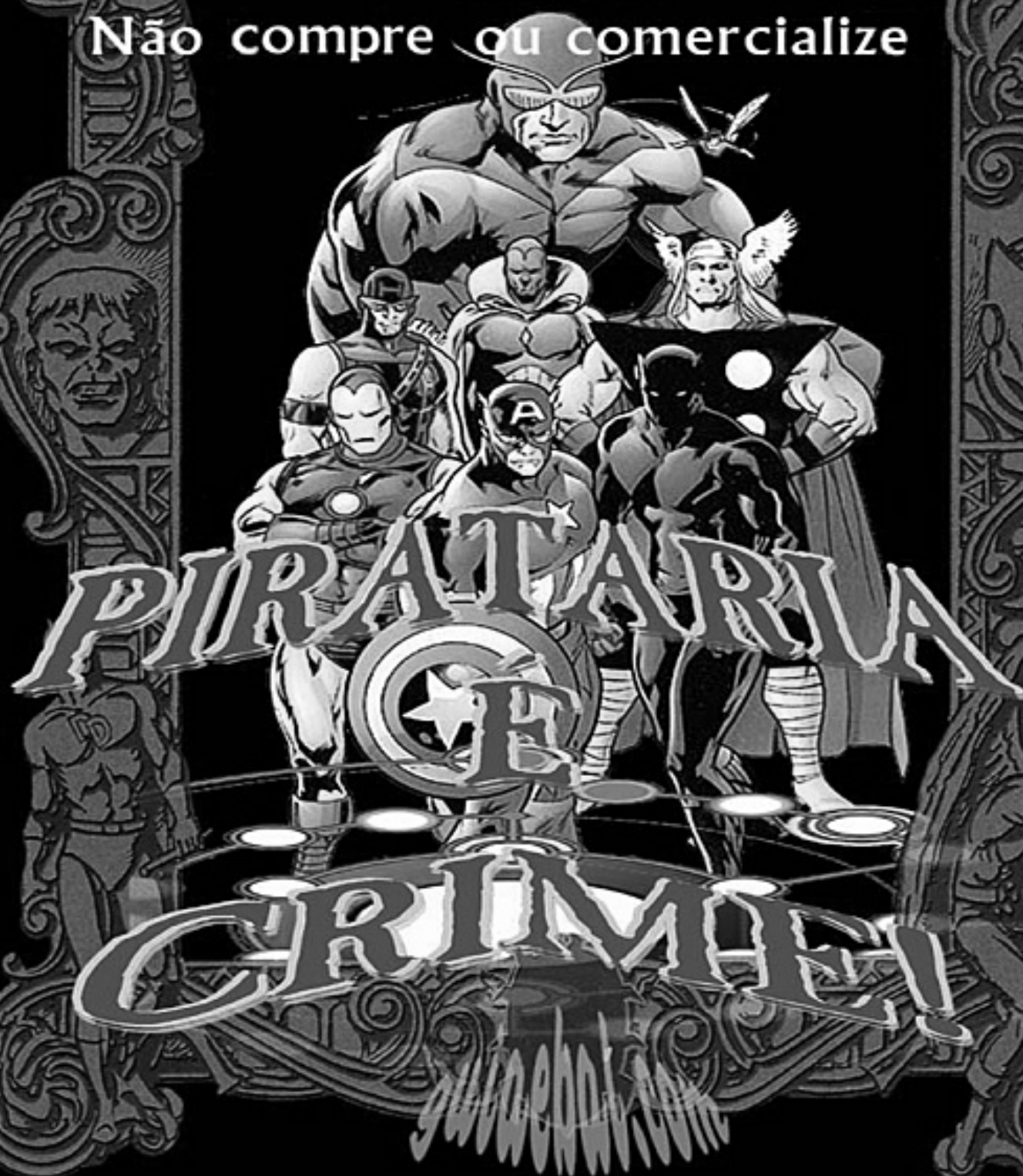
Cr\$ 20,00

Em

Todos os Jornaleiros

Você acabou de ler mais um Scan
Produzido e Restaurado de Fã para Fã,
direto de nossa coleção Particular e
distribuído gratuitamente e que já tem
seus direitos registrados pelas respectivas
Editoras.

Não compre ou comercialize



www.guiaebal.com



**Guia Completo de todas as HQ's
lançadas pela EBAL.
Centenas de Scans de Séries
Completas!**

